

DESENHOS, VINHETAS E DIAGRAMAS: OUVINDO AS NARRATIVAS DAS CRIANÇAS ATRAVÉS DA ELUCIDAÇÃO GRÁFICA

DRAWINGS, VIGNETTES AND DIAGRAMS: LISTENING TO CHILDREN'S NARRATIVES THROUGH GRAPHIC ELICITATION

Ana Irene Rovetta Cortés¹

Resumo: Nas últimas décadas ocorreu uma transformação no modo de estudar a infância. De investigações 'sobre' crianças passou-se a investigações 'com' e 'pelas' crianças. Esta mudança comportou uma série de adaptações e inovações metodológicas, entre as quais se encontram a combinação de técnicas de elucidação com técnicas mais tradicionais, como *focus groups* ou entrevistas. Este artigo pretende contribuir para a reflexão acerca da implementação deste tipo de iniciativas metodológicas em investigação qualitativa, através de uma revisão da literatura recente sobre elucidação gráfica e da apresentação de uma investigação própria, na qual se incorporaram desenhos, vinhetas e diagramas, e se propõem reflexões sobre oportunidades e desafios que esta opção metodológica pode criar.

Palavras-chave: Elucidação gráfica; Desenho temático; Vinheta; Diagrama interativo; Crianças.

Abstract: The way of studying childhood has evolved in the last decades. Most inquiries are no longer 'about' children but 'with' and 'for' children. This transformation has led to a series of methodological adaptations and innovations, among which we can find the combination of elicitation techniques and other, more traditional, techniques, such as focus groups or interviews. The aim of this article is to contribute to the reflection on the opportunities and challenges that these methodological initiatives can provide. Initially, a literature review on graphic elicitation techniques is presented. Subsequently, a personal research experience, in which drawings, vignettes and diagrams were incorporated, is displayed in order to illustrate some of the strengths and limitations found with regard to this methodological option.

Keywords: Graphic elicitation; Thematic drawing; Vignette; Interactive diagram; Children.

1 Introdução

Nas últimas décadas ocorreu uma transformação no modo de estudar a infância a partir das ciências sociais. De um predomínio de investigações "sobre" crianças passou-se a um aumento considerável de investigações "com" e "pelas" crianças (BELOTTI; LA MENDOLA, 2010). Esta mudança paradigmática atravessou numerosas disciplinas – como a sociologia, a antropologia, a geografia e a psicologia – e teve repercussões tanto teóricas como metodológicas (MITCHELL, 2006).

No plano teórico, esta transformação implicou reconsiderar o modo de pensar as crianças. A tal está subjacente que já não se pense as mesmas unicamente como seres em

¹ Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de Pádua (UNIPD). Investigadora pós-doutoral do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica (CONICET), San Salvador de Jujuy, Jujuy, Argentina. E-mail: anairene.rovetta@gmail.com

formação, pré-sociais ou incompletos, mas que sejam reconhecidas como agentes sociais dinâmicos, participantes ativos das suas próprias vidas, das de quem os rodeia e das sociedades em que vivem (JENKS, 2005).

No plano metodológico, esta nova abordagem conduziu ao surgimento de numerosos debates sobre quais as estratégias e técnicas mais apropriadas para captar as perspectivas, experiências e conhecimentos dos e das menores de idade (PUNCH, 2002). Tal implicou o desenvolvimento de reflexões e propostas metodológicas destacando-se, nas últimas duas décadas, a utilização combinada de técnicas tradicionais, como a entrevista e os *focus group*, e técnicas de elucidação² (BARTER; RENOLD, 2000; BAGNOLI, 2009; MOSKAL, 2010).

Esta aposta em combinar métodos verbais e visuais em investigação com crianças foi particularmente prolífica na academia anglo-saxónica. Contudo, foi pouco explorada no contexto ibero-americano – com algumas notáveis exceções, como por exemplo, o estudo de Joanou (2009) no Peru, de Punch (2002) na Bolívia, de Meo e Dabenigno (2011) na Argentina, ou de Gómez Espino (2012) na Espanha .

A finalidade deste artigo, que foi apresentado no 5º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, é contribuir para a reflexão sobre as oportunidades e desafios que este tipo de combinações pode implicar para a investigação qualitativa com crianças no âmbito das ciências sociais. Em particular, o objetivo deste artigo é pôr em evidência um tipo específico de técnica visual (a elucidação gráfica) integrada com uma técnica tradicional (a entrevista).

Para tal, o artigo foi dividido em três partes. Na primeira, apresenta-se uma revisão da literatura recente sobre as técnicas de elucidação gráfica, prestando particular atenção aos textos focados em investigações com crianças. Na segunda parte explica-se o modo como este tipo de técnicas gráficas (em forma de: desenho temático, diagrama interativo e vinheta) foram incorporadas numa investigação própria. Na terceira, são apresentados alguns resultados e reflexões surgidos na sequência da aplicação desta opção metodológica com o propósito de contribuir para o debate metodológico em curso.

A estrutura deste artigo é, por conseguinte, semelhante à versão abreviada publicada nas Atas do 5º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (ROVETTA CORTÉS, 2016).

² Em inglês estas técnicas formam parte dos denominados ‘*elicitation methods*’. Tal implica que em outras línguas se traduzam como eliciação, elucidação, estimulação e provocação. A aposta em ‘elucidação’ está explicada em Rovetta Cortés (2017).

2 Apresentação das técnicas de elucidação gráfica

Durante os últimos cinquenta anos as técnicas de elucidação gráfica têm sido aplicadas em psicologia clínica e em disciplinas como a pedagogia, a geografia, as ciências da saúde ou as ciências ambientais (COPELAND; AGOSTO, 2012). A sua utilização é mais recente em outras disciplinas sociais, como a sociologia ou a antropologia. Com efeito, até há uma década, a utilização de elementos gráficos estava confinada à fase de análise e de apresentação de resultados.

Estas técnicas pretendem, como outras técnicas de elucidação (ex.: foto-elucidação, vídeo-elucidação ou elucidação musical), desencadear narrativas a partir de meios não exclusivamente verbais, com o propósito de enriquecer os dados da investigação.

O procedimento é simples. Pede-se aos participantes do estudo que criem e/ou interpretem representações gráficas relacionadas com temas de interesse para a investigação durante a interação com o investigador ou investigadora (neste caso, em contexto de entrevista).

Estas representações gráficas podem estar relacionadas com conceitos, experiências, crenças ou comportamentos. Podem ser produzidas no decorrer da interação com o investigador ou com a investigadora, sendo que neste caso se fala de técnicas interativas, ou podem ter sido escolhidas por quem investiga antes do trabalho de campo. Finalmente, estas representações podem adotar diferentes modalidades ou formas: podem ser desenhos, vinhetas, mapas, linhas temporais, diagramas... Seja qual for a modalidade escolhida, a elucidação gráfica pretende ser um canal que permita aflorar pensamentos e emoções que de outro modo ficariam, provavelmente, silenciados.

Apesar da sua incorporação em investigação social ser recente, diversos autores já apresentaram valiosas reflexões relativamente às oportunidades e aos desafios associados a estas técnicas. Em seguida apresentam-se alguns dos principais contributos vinculados a três modalidades de elucidação gráfica que foram aplicadas com crianças em diversas investigações (os desenhos temáticos, as vinhetas e os diagramas) e que foram, além do mais, utilizadas pela autora destas linhas numa investigação recente.

2.1 Desenhos temáticos

O desenho temático é uma das modalidades mais utilizadas de elucidação gráfica. Consiste em pedir aos participantes do estudo que façam um desenho a partir de uma temática de interesse para a investigação e que, posteriormente, comentem o seu trabalho com o investigador ou investigadora. É uma técnica interativa, aberta e pouco estruturada que confere uma grande liberdade de expressão aos participantes do estudo, “favorecendo a reflexividade e a produção de imagens holísticas relativas aos temas de estudo” (BAGNOLI, 2009, p. 549).

Apesar da sua utilização não se limitar aos menores de idade, recorreu-se com frequência a desenhos temáticos no trabalho com crianças. Numerosos autores salientaram que a utilização de desenhos facilita o processo de envolvimento dos menores de idade com a investigação, e alguns vão mais além, argumentando que não só melhoram a participação como ajudam a “dar voz e trabalhar para a reciprocidade com pessoas pouco representadas em investigação social” (MOSKAL, 2010, p. 18).

Uma das principais vantagens desta técnica é a sua simplicidade. Trata-se de uma atividade facilmente compreensível e acessível (requer folhas, lápis e/ou marcadores). Além do mais, potencia a expressão não apenas verbal, mas também artística de quem participa. Através dos desenhos e da sua seguinte explicação, os participantes do estudo utilizam ambos os hemisférios do cérebro, o que favorece a emergência de narrativas simultaneamente racionais e emotivas, permitindo a manifestação de temas sensíveis e nem sempre facilmente expressos oralmente.

Entre as limitações mais referidas desta técnica cabe assinalar que os desenhos temáticos nem sempre resultam numa maior participação, pois certas pessoas resistem a desenhar devido ao incómodo criado por considerarem que as suas capacidades de expressão gráfica e/ou artística não estão suficientemente desenvolvidas (BAGNOLI, 2009). Além do mais, dado que um desenho não pode oferecer um registo completo ou mimético de tudo o que os participantes de estudo pensam relativamente a um tema em concreto, deve prestar-se particular atenção a não sobre interpretar as narrativas que surjam a partir de uma única atividade gráfica.

Finalmente, é crucial não assumir, quando se trabalha com menores de idade, que desenhar seja uma atividade “natural” para eles, pois este é um pressuposto ocidental e centrado no adulto. Esta atividade, como qualquer outra, tem significados e conotações diferentes em cada contexto social (MITCHELL, 2006).

2.2 Vinhetas

As vinhetas gozam de uma popularidade menor relativamente aos desenhos temáticos. São utilizadas com frequência para ilustrar uma determinada cena gráfica e indagar sobre as apreciações e opiniões dos participantes de estudo a respeito da mesma.

Trata-se de uma ferramenta útil para visualizar definições subjetivas, significados e experiências (BARTER; RENOLD, 2010). Além do mais, favorecem o estudo de temas sensíveis e oferecem a possibilidade de simplificar as complexidades de uma questão ou problemática social (GÓMEZ ESPINO, 2012).

O seu interesse foi questionado por críticos que consideram que, ao apresentar declarações sobre situações ou cenas hipotéticas e não uma análise de ações ou experiências vividas, o recurso às vinhetas não é oportuno. Contudo, dado que “o interesse da investigação social é conhecer o processo de significados e interpretações, e não o resultado das ações em si – pois estas estão sempre condicionadas por situações específicas –, as vinhetas podem pôr em evidência processos complexos” (BARTER; RENOLD, 2000, p. 312) da realidade social e facilitar a interação entre quem participa numa investigação e quem investiga.

2.3 Diagramas

Os diagramas são uma modalidade de elucidação gráfica menos conhecida que as anteriores. Trata-se de um tipo particular de desenho que permite explorar uma série de relações dentro de um sistema.

Os diagramas podem ser criados durante o trabalho de campo ou podem ter sido criados previamente. No primeiro caso, é pedido aos participantes do estudo que realizem esquemas, tabelas ou figuras geométricas que ilustrem um determinado tema de interesse para depois criar narrativas a partir dos mesmos. No segundo caso, é apresentada uma figura que exemplifica de algum modo a temática de interesse em questão, e são incentivadas as comparações entre esta e as experiências e ideias dos participantes de estudo (CRILLY; BLACKWELL; CLARKSON, 2006).

Este tipo de técnica foi pouco utilizada com menores de idade, e quando se recorreu a ela, foi aplicada com maior frequência na sua vertente interativa, ou seja, pedindo às crianças que realizassem os seus próprios diagramas. Na forma de tabelas, foi utilizada em investigações para ilustrar a mobilidade física e as atividades realizadas

(PUNCH, 2002) e, em forma de linha temporal, foi utilizada para distinguir acontecimentos importantes na vida dos participantes (BAGNOLI, 2009).

Com o objetivo de examinar mais de perto algumas das oportunidades e desafios que a incorporação de técnicas de elucidação gráfica pode representar numa investigação qualitativa com crianças, apresenta-se em seguida uma experiência de investigação própria em que se recorreu a este tipo de técnicas em contexto de entrevista.

3 Aplicação das técnicas de elucidação gráfica em entrevistas com menores de idade

Entre 2012 e 2015 desenvolvemos a nossa investigação doutoral sobre pertenças, políticas de pertença e migração familiar. Trabalhámos com famílias que se tinham deslocado da Argentina a Espanha ou Itália, e tivemos acesso às narrativas de cinquenta e dois membros de famílias migrantes entre as quais se encontravam doze menores de idade entre os 4 e os 16 anos (três tinham entre 4 e 7 anos, cinco tinham entre 8 e 11 anos, e quatro entre 12 e 16).

Propusemos entrevistas com a finalidade de conhecer as trajetórias seguidas por cada um dos membros de tais famílias, assim como as suas interpretações sobre estas e outras vivências relacionadas com a mobilidade internacional. O objetivo era, além do mais, conseguir aceder às perspetivas de cada um dos membros dos grupos familiares, transcendendo as dinâmicas de poder que podem operar no interior de cada família, legitimando certas narrativas e não legitimando outras em função de características como a geração ou o género.

As entrevistas desenvolveram-se num contexto etnográfico multisituado em Espanha e Itália que incluiu a realização de observação participante durante um total de nove meses em duas associações culturais argentinas nas cidades de Pádua e Corunha. O contacto com os membros das famílias estabeleceu-se por três vias diferentes. Através dos membros destas associações, de contactos da investigadora e de contactos dos próprios entrevistados.

A incorporação de técnicas de elucidação estava contemplada desde o início. Contudo, o recurso específico às técnicas de elucidação gráfica e interativa com (a maior parte de) os menores de idade não foi imediato, mas sim decidido durante a fase inicial do trabalho de campo, ao constatar a inadequação das estratégias seleccionadas para interagir com alguns menores.

Foi durante a segunda entrevista com uma pessoa menor de idade que compreendemos que, apesar da sua evidente disponibilidade e interesse em participar na investigação, com as perguntas verbais e visuais propostas (vídeo-elucidação e elucidação musical) esta não conseguia expressar as suas ideias com espontaneidade e fluência. De modo que optámos por repensar as nossas estratégias metodológicas e elaborar perguntas que implicassem um duplo processo de produção de palavras e imagens para comprovar se, desse modo, conseguíamos ouvir as suas experiências e perspetivas. No seguinte encontro com esta pessoa, aplicámos as alterações, constatando uma notável melhoria na comunicação. Por esse motivo tomámos a decisão de implementar duas modalidades de entrevista com métodos visuais, uma “adulta” e uma “infantil”.

Com o objetivo de não traçar uma fronteira apriorística entre a infância e a idade adulta, demos a opção aos entrevistados entre os 12 e os 18 anos de optar pelo tipo de entrevista que queriam. Adotámos como limite inferior a idade de 12 anos porque nesse momento costuma começar a pré-adolescência e no âmbito educativo é costume ser o momento em que os menores passam da educação primária à educação secundária. Seleccionámos os 18 anos como limite superior dado que socialmente essa idade tem uma significância muito consolidada nos três contextos (de origem e destino familiar), pois é o momento em que se alcança a maioridade legal³.

A utilização deste tipo de perguntas gráficas vinha antecipada aos entrevistados antes de começar a entrevista e no instante anterior à formulação de cada uma delas, para evitar confusão relativamente às mesmas. De igual modo, explicava-se os motivos pelos quais se mostravam os materiais visuais por razões de carácter ético e epistemológico, dado que se assume que o conhecimento é construído em conjunto na interação entre quem participa e quem investiga.

Durante o trabalho de campo, procedeu-se a transcrever tanto as entrevistas como as notas etnográficas e iniciou-se a análise de tal material seguindo várias fases de codificação. Durante a primeira fase, utilizou-se o programa informático *Atlas.ti* seguindo os métodos de codificação elementares e afetivos propostos por Johnny Saldaña (2009). Na segunda fase reorganizaram-se e repassaram-se os dados já codificados com a finalidade de encontrar as relações entre as temáticas tratadas e identificar a relevância de cada uma delas.

³ Tendo em conta que no estudo participaram quatro entrevistados entre os 12 e os 16 anos, cabe assinalar que dois optaram por participar nas entrevistas com a modalidade “adulta” e dois com a modalidade “infantil”.

Em relação ao material visual, foram tidas em conta as recomendações de Marcus Banks (2001) quanto a distinguir entre a narrativa interna e externa das imagens⁴. De modo que se optou por dar prioridade à análise da narrativa externa dos gráficos, ficando para segundo plano a observação da sua composição. Isto é, a atenção concentrou-se no modo em que os gráficos eram produzidos e interpretados no contexto de cada entrevista, sem que a intenção fosse interpretar os gráficos quanto à sua composição, mas ouvir os argumentos que cada participante apresentava para expor as respostas que cada uma destas atividades suscitava.

3.1 Diagrama interativo: *Boarding pass*

A primeira atividade proposta foi um *boarding pass* para completar. Esta iniciativa surgiu durante o primeiro mês de trabalho etnográfico numa associação cultural argentina, depois de um encontro com uma menor de idade.

Durante a conversa, a menina expressou o seu desejo de viajar dizendo: “*se me dessem um bilhete...*”. O que nos levou a formar a ideia de conceder aos menores de idade a possibilidade de imaginar uma mobilidade sonhada. Em lugar de lhes perguntar diretamente pelas suas possíveis experiências migratórias, optámos por aplicar esta técnica projetiva e conceder-lhes a opção de “voar” até onde quisessem, para iniciar um intercâmbio verbal sobre deslocamentos e expectativas de viagem que permitisse, posteriormente, indagar sobre as suas experiências passadas.

O plano da atividade era simples. Mostrava-se-lhes um bilhete aéreo sobreposto com outro do qual apenas se viam as margens (ver Figura 1) e pedia-se-lhes que o completassem acrescentando os seguintes dados:

- A partir de onde desejavam viajar;
- Até que destino;
- Desde que porta do aeroporto;
- Em que horário;
- Em que classe.

Se as perguntas da porta e do horário bem podem parecer irrelevantes, ajudavam a dar um maior realismo à atividade. A classe (primeira ou segunda), por sua parte, dava

⁴ A narrativa interna das imagens inclui o conteúdo destas e a narrativa externa trata dos contextos de produção e de receção das mesmas.

a possibilidade de conhecer as suas preferências e de avaliar se o deslocamento era mais próximo da viagem turística ou da migração⁵. A origem e o destino, finalmente, eram indicações para conhecer os seus referentes espaciais e continuar o diálogo perguntando, por exemplo, se o trajeto estava pensado em termos de ida e volta ou apenas de ida, se era de curta ou longa duração, e se a preferência era viajar sozinho ou acompanhado⁶.



Figura 1: *Boarding pass*
Fonte: elaboração própria.

3.2 Vinheta de Mafalda

A segunda atividade, também de caráter projetivo, complementa a primeira dando aos menores de idade a possibilidade de escolher uma nacionalidade. A partir da vinheta de uma banda desenhada à qual se eliminava uma parte do texto, as crianças podiam brincar atribuindo a si mesmas um novo nome, uma nacionalidade e clarificar um motivo pelo qual a desejariam ter.

A vinheta selecionada faz parte de uma tira de Joaquín Salvador Lavado Tejón, conhecido mundialmente como Quino. Nela vê-se Miguelito, um dos amigos de Mafalda, lamentando-se por não ter nascido na Suíça.

Os menores recebiam ambas as imagens (ver Figura 2), a original e aquela que deviam completar, para facilitar a compreensão da atividade com um exemplo.

⁵ Recorde-se que há uma relação entre as formas de interpretar a mobilidade internacional e a classe social. Relação que muda em função do tempo e do espaço. Por exemplo, no início do século XIX, eram considerados imigrantes na Argentina os passageiros que desciam de barcos nos quais tinham viajado em terceira ou segunda classe, nunca os de primeira. O mesmo acontecia nos Estados Unidos no ano de 1903, era contabilizado como imigrante apenas aquele que chegara a porto em terceira classe (DEVOTO, 2003).

⁶ O motivo para haver um bilhete de avião sobreposto a outro é precisamente para dar a possibilidade de imaginar uma viagem em companhia de outra ou outras pessoas



Figura 2: Banda desenhada Miguelito-Batman.

Fonte: Quino (2001).

Nesta atividade, como na anterior, depois de completar a tarefa projetiva, era pedido às crianças que referissem, se pudessem, as suas experiências relativamente à obtenção e ostentação da(s) sua(s) nacionalidade(s).

3.3 Desenho temático: “*Um lugar onde me sinto como em casa*”

Por último pedia-se às crianças que realizassem um desenho temático. Colocavam-se os materiais à disposição (folha, lápis e marcadores), e pedia-se que desenhassem “*Um lugar onde me sinto como em casa*” e depois de realizar a atividade, explicar o seu trabalho.

4 Resultados e reflexões metodológicas

Antes de apresentar as respostas e as principais reflexões relativamente a esta opção metodológica, convém assinalar que as entrevistas com as crianças apresentaram algumas particularidades relativamente às entrevistas com os adultos das famílias migrantes. Foram um pouco mais breves – a sua duração foi de cerca de trinta minutos face à hora e meia dos adultos -, precisaram de uma maior quantidade de intervenções da nossa parte, e com frequência adquiriram um carácter grupal⁷ devido à presença e participação de algum dos progenitores.

⁷ Se as entrevistas inicialmente são pensadas de modo individual para dar espaço a cada uma das vozes, nos casos em que os próprios membros da família consideram oportuno intervir em conjunto, a sua decisão é respeitada e as perguntas são adaptadas à ocasião. Esta eventualidade é reportada no momento da análise e o material é aproveitado para analisar as interações familiares a partir de elementos como a duração do turno de palavra e divisão de trabalho na produção das narrativas (CARDANO, 2011).

Em relação às reações obtidas a partir da incorporação das técnicas de elucidação gráfica cabe salientar, em primeiro lugar, que estas criaram um alto grau de entusiasmo por parte dos participantes de estudo.

A primeira atividade, o *boarding pass*, foi a mais valorizada entre as crianças. Todas elas tinham tido nas suas mãos documentos semelhantes e parecia-lhes particularmente divertido idealizar uma mobilidade sonhada.

A partir desta atividade gráfica foi possível concluir que para estas pessoas a mobilidade internacional é sinónimo de período de férias e de encontro com parentes que residem noutros contextos.

Com efeito, tal e como se pode observar na Figura 3, constata-se como os deslocamentos imaginários são pensados em termos de ócio. Se tivessem a oportunidade de viajar até onde quisessem, as crianças entrevistadas fariam uma viagem de turismo de uma semana a países como França, Estados Unidos ou Japão.

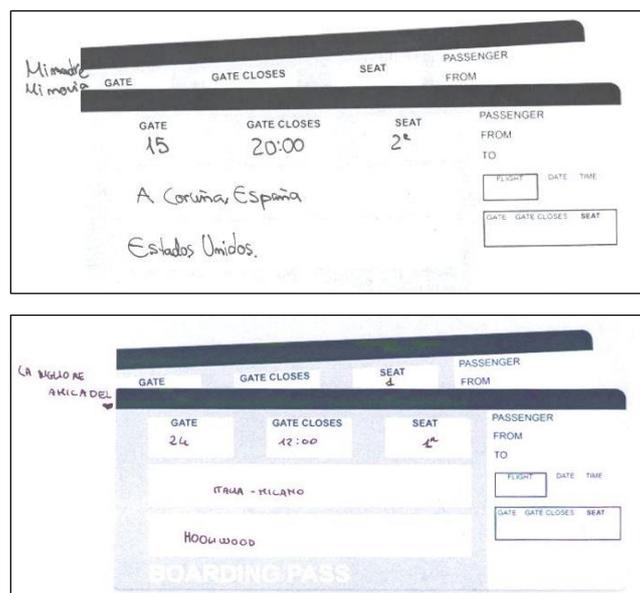


Figura 3: Exemplos de respostas ao *Boarding pass*⁸.

Fonte: Cortés (2015).

Exceto duas menores (ambas de cinco anos) que não estavam familiarizadas com a escolha da classe em que se deslocar e um adolescente ao qual preocupava o elemento económico, os demais entrevistados optaram por imaginar um trajeto em primeira classe,

⁸ A imagem acima corresponde com a resposta de Santana (16 anos, Galiza). A resposta debaixo contém a resposta de Selena (9 anos, Véneto). Santana imagina uma viagem com a sua mãe e com a sua namorada aos Estados Unidos. Selena deseja viajar com a sua melhor amiga (em italiano: *migliore amica del cuore*) a Hollywood (também EUA).

e exceto um, todos desejavam fazê-lo acompanhados de mais alguém (ídolo, familiar e/ou amigo). Tal significa que nenhum destes deslocamentos pode ser considerado como migratório, nem seguindo as definições que se estabeleceram na Argentina, Espanha e Itália durante o período de migrações de massa, nem considerando a atual definição da Organização Mundial para as Migrações.

Na maior parte dos casos a razão para a expedição era o desejo de melhor conhecer lugares sobre os quais se tinha recebido referências através dos meios de comunicação e que se consideravam relevantes a nível artístico (principalmente no que respeita à arquitetura e à sétima arte). Apenas numa oportunidade a viagem imaginária é idealizada em relação com os vínculos familiares transnacionais. Um dos meninos fantasia com uma viagem à Argentina para se encontrar com os tios, primos e avós. Trata-se do único momento em que o deslocamento é pensado com uma duração maior.

A segunda atividade proposta, a vinheta, criou um entusiasmo um pouco menor, mas permitiu identificar uma tendência semelhante. Para a maior parte dos menores “ser” de um país era equivalente à atividade que desejavam desenvolver nele.



Figura 4: Dois exemplos de resposta à banda desenhada de Mafalda⁹.

Fonte: Cortés (2015).

Unicamente em duas ocasiões, uma delas ilustrada com o exemplo de Linda (Figura 4), a possibilidade de pertencer a outro país está relacionada com um desejo de se reencontrar com familiares (avós e irmão) os quais não são vistos com frequência devido à distância geográfica. Para o resto dos entrevistados, esta atividade era semelhante à anterior e implicava escolher um destino desconhecido pelo elemento lúdico ou prazeroso que este podia oferecer.

⁹ A imagem da esquerda corresponde com a resposta de Hada (4 anos, Galiza). A resposta da direita contém a resposta de Linda (8 anos, Véneto).

A última atividade, o desenho temático, implicou mais desafios que as anteriores para incentivar narrativas ricas e reflexivas, devido ao facto de, como observaram outras autoras (BAGNOLI, 2009; PUNCH, 2002), vários adolescentes manifestarem reticências a participar devido a um questionamento relativamente às suas capacidades de expressão gráfica (uma delas recusou-se a desenhar), e ainda, contrariamente ao que acontecia com a vinheta e o diagrama, as crianças tendiam a descrever literalmente o conteúdo dos seus desenhos e não a falar sobre os seus sentimentos de lar e pertença.



“Eu com os meus amigos, e a casa está aqui. E esta é a Aurora e esta é a Rebecca e esta é a Emma”.

Aurora (5 anos, Véneto)

“Desenhei-o porque uma das experiências mais bonitas que vivi foi quando fui este verão a Portugal. Havia umas praias lindas, com muitas ondas”.

Ghonan (12 anos, Galiza)

Figura 5: Dois exemplos de desenho temático

Fonte: Cortés (2015).

A partir dos desenhos temáticos percebeu-se que os menores de idade consideram que a sua casa está representada por: (1) pessoas próximas (principalmente pais e amigos), (2) atividades agradáveis (por exemplo, fazer algum desporto ou jogo) e (3) lugares conhecidos (a própria casa ou lugar de trabalho de algum dos pais).

5 Algumas considerações finais

A finalidade deste artigo, cuja versão abreviada encontra-se publicada nas Atas do 5º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (Rovetta Cortés (2016), foi refletir sobre algumas oportunidades e desafios associados à utilização de técnicas de elucidação gráfica em investigação qualitativa com crianças no âmbito das ciências sociais.

Em primeiro lugar fez-se uma revisão da literatura especializada que confirma o crescente interesse que este tipo de métodos desperta em disciplinas tais como a

sociologia e a antropologia. Em segundo lugar, a partir da exposição de uma investigação própria na qual participaram uma dezena de crianças migrantes, mostrou-se como a utilização de técnicas de elucidação gráfica acabou por ser muito útil para promover a participação entusiasta dos menores de idade e para produzir narrativas ricas e detalhadas sobre as temáticas de interesse. A partir de três atividades gráficas e interativas (um diagrama, uma vinheta e um desenho temático) desenvolvidas em contexto de entrevista, consideraram-se questões relacionadas com a migração, a nacionalidade e as pertenças e deu-se voz a pessoas que têm sido, com frequência, pouco representadas em investigação social (particularmente no âmbito dos estudos migratórios). Identificou-se o principal desafio em relação a uma das atividades (o desenho temático) pois esta requereu de um maior esforço para implicar vários adolescentes e para sair do plano descritivo.

O objetivo deste artigo não foi defender que as técnicas de elucidação gráfica sejam intrinsecamente positivas ou vantajosas para obter as narrativas de menores de idade. O propósito foi demonstrar que, utilizadas de uma forma consistente com o objeto de estudo, podem facilitar o acesso a ideias, experiências e perspetivas tanto racionais como emotivas, assim como facilitar a interação entre quem investiga e quem participa numa investigação devido, entre outros fatores, ao elemento inovador e lúdico que proporcionam.

Com vista a futuras investigações poderia ser interessante incorporar este tipo de técnicas em estudos com um maior número de participantes e com participantes de outras idades, com a finalidade de contrastar potencialidades e limites.

Referências

BAGNOLI, A. Beyond the standard interview: The use of graphic elicitation and arts-based methods. **Qualitative Research**, Cardiff, v. 9, n. 5, p. 547-570, Nov. 2009.

BANKS, M. **Visual methods in social research**. 1. Ed, London: Sage, 2001.

BARTER, C.; RENOLD, E. 'I wanna tell you a story': Exploring the application of vignettes in qualitative research with children and young people. **International Journal of Social Research Methodology**, Southampton, v. 3, n. 4, p. 307-323, May. 2000.

BELOTTI, V.; LA MENDOLA, S. **Il futuro nel presente**: Per una sociologia delle bambine e dei bambini. 1. ed. Milán: Guerini scientifica, 2010.

CARDANO, M. **La ricerca qualitativa**. 1. ed. Bologna: Il mulino, 2011.

COPELAND, A. J.; AGOSTO, D. E. Diagrams and relational maps: The use of graphic elicitation techniques with interviewing for data collection, analysis, and display. **International Journal of Qualitative Methods**, Edmonton, v. 11, n. 5, p. 513-533, Dez. 2012.

- CRILLY, N.; BLACKWELL, A. F.; CLARKSON, P. J. Graphic elicitation: Using research diagrams as interview stimuli. **Qualitative Research**, Cardiff, v. 6, n. 3, p. 341-366, Ago. 2006.
- DEVOTO, F. **Historia de la inmigración en la Argentina**. 1. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2003.
- GÓMEZ ESPINO, J. M. El grupo focal y el uso de viñetas en la investigación con niños. **Empiria**. Revista de metodología de ciencias sociales, Madrid, n. 24, p. 45-66, jun./dic. 2012.
- JENKS, C. **Childhood**. 2. ed. London: Routledge, 2005.
- JOANOU, J. P. The bad and the ugly: Ethical concerns in participatory photographic methods with children living and working on the streets of Lima, Perú. **Visual Studies**, New York, v. 24, n. 3, p. 214-223, Nov. 2009.
- MEO, A.; DABENIGNO, V. Imágenes que revelan sentidos: Ventajas y desventajas de la entrevista de foto-elucidación en un estudio sobre jóvenes y escuela media en la ciudad de Buenos Aires. **Empiria**. Revista de metodología de ciencias sociales, Madrid, n. 22, p. 13-42, jul./dic. 2011.
- MITCHELL, L. M. Child-centered? Thinking critically about children's drawings as a visual research method. **Visual Anthropology Review**, Orange, v. 22, n. 1, p. 60-73, Mar. 2006.
- MOSKAL, M. Visual methods in researching migrant children's experiences of belonging. **Migration Letters**, London, v. 7, n. 1, p. 17-32, Apr. 2010.
- PUNCH, S. Research with children: the same or different from research with adults? **Childhood**, Trondheim, v. 9, n. 3, p. 321-341, Aug. 2002.
- GÓMEZ ESPINO, J. M. El grupo focal y el uso de viñetas en la investigación con niños. **Empiria**. Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madrid, n. 24, p. 45-66, jun./dic. 2012.
- ROVETTA CORTÉS, A. I. 'Si me dieran un billete de avión...': recurriendo a la elucidación gráfica en entrevistas con menores de edad. **Empiria**. Revista de metodología de ciencias sociales, Madrid, n. 36, p. 63-87, enero/abr. 2017.
- ROVETTA CORTÉS, A. I. Elucidación gráfica en investigación cualitativa con menores de edad. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA (CIAIQ), 5, 2016, Porto. **Atas...**Porto: Ludomedia, 2016. p. 316-325.
- ROVETTA CORTÉS, A. I. **Soli et sanguinis**: migración familiar 'argentina' y políticas para el 'retorno' en la Región del Veneto y en la Comunidad Autónoma de Galicia. 2015. 317 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Departamento de Filosofia, Sociologia, Pedagogia e Psicologia Aplicada, Universidade de Pádua, Pádua, 2015.
- QUINO. **Todo Mafalda**. 1. ed. Barcelona: Lumen, 2001.
- SALDAÑA, J. **The coding manual for qualitative researchers**. 1. ed. New York: Sage, 2009.

Recebido em: 24 de março de 2017.

Aceito em: 22 de maio de 2017.